

## QUEM ESTÁ NO DESERTO?

**Fernando Gross**, Sacerdote católico. Doutor em Teologia pela PUC-SP; professor no Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ) no Ipiranga, em São Paulo. Membro da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico – DCJ e membro da Família Abraâmica (Casa da Reconciliação).\*

### RESUMO:

Quem se encontra presente nas narrativas bíblicas a partir da saída do Egito, pelo deserto, rumo à Terra Prometida? Sair da escravidão foi, na verdade, a primeira etapa. A libertação física pedia outra libertação: a da mentalidade opressiva e dos costumes ameaçadores da vida e do seu ambiente. A quem teria servido o final da escravidão, se o povo não tivesse aprendido a lição que todos os seres humanos criados à imagem de Deus devem ter entre si um respeito mútuo e respeitar a Criação igualmente? Talvez uma Teologia que faça uma leitura verde das Escrituras possa vir em socorro e em resgate da vida ameaçada e sob escombros.

**Palavras-chave:** Deserto. Ecologia. Bíblia. Ecoteologia. Leitura Verde.

### ABSTRACT:

Who is present in the biblical narratives from the exit of Egypt through the desert towards the Promised Land? Getting out of slavery was, in fact, the first stage. Physical liberation called for another liberation: that of the oppressive mindset and the threatening customs of life and its environment. Who would have served the end of slavery if the people had not learned the lesson that all human beings created in the image of God must have a mutual respect and respect the creation equally? Perhaps a theology that makes a green reading of the Scriptures can come to the help and in the rescue of threatened life and under ruins.

**Keywords:** Desert. Ecology. Bible. Ecoteology. Green reading.

### Introdução - O que a Geografia física nos ensina sobre o Deserto?

Em linhas gerais pode-se dizer que “Os desertos são regiões áridas nas quais a evaporação potencial é muito mais alta do que a precipitação anual” (WALTER, 1986, p. 113), “em outras palavras, onde a água pode ser perdida para a atmosfera a uma taxa maior do que aquela que seria normalmente disponibilizada para as plantas”. (GUREVITCH et al., 2009, p. 438). Os desertos apresentam um ar muito seco, as radiações de entrada e de saída são extremamente altas, com grandes flutuações da temperatura. (WALTER, 1986, p. 115)

Para Odum (1985, p. 360), os desertos ocorrem em “regiões que recebem anualmente menos de 250mm de precipitação, ou, às vezes, regiões com uma precipitação maior, porém distribuída de forma muito desigual”. “Com relação à temperatura, os desertos de baixa latitude tendem a ser mais quentes e com menos alterações ou mudanças sazonais do que

\* E-mail: grossfernando@gmail.com.

desertos das latitudes médias, onde as temperaturas médias anuais são menores que 18°C e temperaturas de inverno congelantes são possíveis” (CHRISTOPHERSON, 2012, p. 303).

Entretanto, é preciso levar em consideração que “as condições ecológicas diferem de tal maneira de um ano para outro que a representação precisa dos ecossistemas dos desertos pode ser formada somente com base em observações a longo prazo e cada deserto deve ser considerado individualmente”. (WALTER, 1986, p. 114). “Os climas secos ocupam cerca de 26% da superfície terrestre. Se todos os climas semiáridos forem considerados, talvez até 35% de toda a área continental tende a ser árida”. (CHRISTOPHERSON, 2012, p. 477). Para a Organização das Nações Unidas, os desertos e as terras áridas ocupam, aproximadamente, 40% da superfície terrestre. (UN, 2021).<sup>1</sup>

### O deserto do ponto de vista bíblico

Se é verdade que para refletir sobre Deus o homem deve ouvir o mundo (HESCHEL, 1975, P. 128) e que a Bíblia aponta um modo de compreender o mundo do ponto de vista de Deus (Heschel, 1975, p. 32), apresentamos a seguir como o deserto é visto nos textos bíblicos brevemente em sua concordância. São 271 ocorrências presentes no Primeiro Testamento (AT) do vocábulo hebraico מִדְבָּר (deserto). Destas, 105 ocorrências estão presentes no Pentateuco, 74 nos Profetas e 92 ocorrências nos Escritos. No Segundo ou Novo Testamento o vocábulo grego ἔρημος τόπος (lugar inabitado), ou ainda ἐρημία (deserto) ocorrem 35 vezes.

Deste modo, em nível narrativo, o Pentateuco que contém a maior parte das ocorrências no deserto<sup>2</sup> poder ser lido sim “como o caminho dramático de Israel para a terra da Promessa, que começa com o chamado de Abraão dentre as nações e termina com um ‘final aberto’ na fronteira da terra prometida (ZENGER, 2016, p. 48). A passagem pelo deserto constitui, portanto, a etapa central na narrativa desses 187 capítulos do Pentateuco. Os textos nos mostram Israel a caminho, passando do Egito pelo deserto do Sinai e deste pelo deserto a Moab, na divisa da terra prometida e depois recebendo as instruções de como viver de agora em diante após a realização da promessa feita em Gênesis (12,7; 13,15; 15,18-21; 17,8) e a entrada finalmente nela no livro de Josué 1 – 4.

### O deserto realidade complexa rica em contrastes

Os filhos de Israel experimentaram a reversão do seu destino como algo provocado por Deus mesmo, experimentaram a libertação do Deus de Israel com braço forte que os fez sair do Egito. Mas isso talvez seja somente a primeira etapa da libertação. A segunda ocorre no próprio deserto, quando terão que aprender a serem livres, a mesmo tendo saído do Egito, agora tirarem o Egito do próprio coração. Serão processos duros de amadurecimento,

1 Agradeço aqui a valiosa colaboração, amizade e contribuição para esse artigo do Professor Doutor João Carlos Nucci, Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (DGEOG-UFPR). Tem experiência na área de Geografia Física, com ênfase em Planejamento da Paisagem, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento de espaços livres de edificação e áreas verdes, ordenamento da paisagem urbana, qualidade ambiental urbana e conservação da natureza nas cidades.

2 As 105 ocorrências do vocábulo “deserto” no Pentateuco assim estão distribuídas: sete ocorrências no Livro do Gênesis, 27 ocorrências no Livro do Êxodo, 4 ocorrências no Livro do Levítico, 48 ocorrências no Livro dos Números e 19 ocorrências no Livro do Deuteronômio.

de imaginar e vivenciar uma sociedade sem pobres e sem escravos ou opressores.<sup>3</sup> Também esse projeto por um novo espaço de convivências, mais amorosas, sem famintos e oprimidos é igualmente um projeto da Igreja.

No antigo Israel, pelo deserto, esse aprendizado no deserto será transformado num projeto jurídico onde a libertação possa ser vivenciada de novo e experimentada novamente pelas gerações dos filhos desse povo. Se esse Deus é experimentado pelo povo através de uma Teologia Exodal, esse Deus se torna, portanto, Legislador, que nos permite dizer: “Egito, nunca mais!”, porém, não se pode dizer “Deserto, nunca mais!”, porque este acaba por se tornar no local teológico, real e com múltiplas possibilidades de aprendizado, atualizações históricas, para que a libertação crie raízes na memória e na vida sonhada e cotidiana. A experiência da sarça ardente no deserto adentro (cf. Ex 3,1) que deve arder, fazer sonhar e concretizar as palavras de Deus a respeito da libertação de um povo, de todos os povos, também hoje. Não se é possível negociar jamais a liberdade desejada por Deus a todos os povos.

### **Contudo, no deserto também existe a contradição do ser humano face à vida**

Na narrativa dos espiões, ou dos exploradores da Terra de Israel, parece estar uma grande realidade vivida no deserto, no coração do livro dos Números. Quando uma delegação de líderes do povo é enviada para ir reconhecer a tão desejada e prometida Terra, alguns deles trazem notícias que deixam o povo amedrontado e capaz de fazer perguntas que desnorteiam: “Não seria melhor retornamos então para o Egito? Apontemos pois um líder e voltemos para o Egito!” (Nm 14,3-4). No deserto, podem ser criadas também fantasias, mundos interiores, bem como medo de seguir adiante e conquistar a Terra prometida, fatores que podem interromper o projeto do Êxodo. “Contudo(עַדָּה), os povos que habitam o país são poderosos e as cidades são fortificadas e muito grandes, e além disso, vimos ali os anaquitas (gigantes)” (Nm 13,28).

Nachmânides (Ramban) indica que o ponto central desse discurso é a incomum palavra *efes* (עָפֵס): literalmente, nada, zero – aqui traduzida por contudo, porém (ZORNBERG, 2015, p. 120).. O desânimo também se encontra no deserto: “Pode até ser verdade, mas *nós não podemos!*”. “*Efes* traz consigo o sentido da tecla ‘Delete’ num computador. Toda a beleza da Terra é em última análise irrelevante: nós somos impotentes” (ZORNBERG, 2015, p. 121).O próprio Salmo 78, amplamente revisita essa condição vivida no deserto:

- v. 8 – *Uma geração indócil e rebelde, cujo coração foi inconstante e cujo espírito foi infiel a Deus.*
- v. 11 – *Esqueceram eles as Suas obras, e os prodígios que Ele lhes tinha mostrado.*
- v. 19 – *Falaram contra Deus dizendo: “Será que Deus pode preparar uma mesa no deserto?”*
- v. 22 – *Porque não acreditaram em Deus e não esperaram no Seu socorro.*
- v. 32 – *Apesar de tudo, tornaram a pecar, não tiveram fé nos seus prodígios.*
- vv.36-37 – *Mas O adulavam com suas palavras e com a língua lhe mentiam; seu coração não era sincero com Ele e não eram fiéis à Sua Aliança.*

<sup>3</sup> Para aprofundar sobre esse assunto confira GRENZER, Matthias. **O Projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

No deserto, encontramos processos duros de amadurecimento ou de negação, no deserto a tentação de abandonar a liberdade e gerar novos relacionamentos mais sensatos e humanos parecem sucumbir aos desafios que aparentam ser imensos e constantes. Desde a Sarça ardente em Ex 3, do recebimento das Palavras divinas no Monte Sinai até à entrada na Terra Prometida o deserto é mesmo como um prisma revelador de muitos aspectos. Avivah Zornberg ainda lembra que esta fé, esta confiança e suas falhas, constitui a história do povo no deserto, pois “a experiência no deserto, com o Sinai no seu coração, representa duplamente morte e vida. Ele é o lugar do amor apaixonado, da alegria que inunda os portões da percepção, é o austero teatro no qual a coragem humana deve ser praticada” (ZORNBERG, 2015, p. 88).

### **O deserto pode ser um tempo e isso abre possibilidades**

Já o Cardeal José Tolentino Mendonça amplia a localização para um deserto, considerando que este também pode ser um “tempo de deserto”, evocando a organização dos tempos de oração dos monges. E isso alcança novas latitudes, pois se é assim, “o deserto pode acontecer no meio da cidade, por entre os nossos trajetos habituais ou no espaço da nossa casa... O deserto devolve-nos a nós mesmos ” (MENDONÇA, 2017, p. 110). Olhar o deserto com uma nova compreensão pode-nos ajudar a superar os preconceitos que dele fazemos como lugar inóspito, mortal e ácido.

As experiências no grande cenário do deserto e num grande intervalo de tempo vão acontecendo e fundindo-se, amadurecem ou irão demonstrar a falta de maturidade com o passar dos anos. Mas diante das queixas e reclamações que irão se sucedendo durante a jornada pelo deserto, o SENHOR também irá escutar e reagindo com o líder Moisés e com o povo, irá reunir, formar, educar, estar presente e conduzir seu Povo, caminhando com ele. Será sempre uma alternativa de quem educa, pedagógica mesmo, que tem como objetivo diminuir o cansaço e o sofrimento durante a caminhada para a terra prometida. A presença de Deus será comprovada como real, jamais uma ilusão ou ficção, e trará um efeito purificador na consciência dos filhos e filhas de Israel, naqueles que tinham já provado amargamente os anteriores anos de escravidão.

O longo e penoso caminho percorrido no deserto pode mesmo surpreender, como na Bíblia em que “o Deus libertador educa os antigos escravos para serem uma comunidade com identidade comum. Essa foi a finalidade da longa caminhada no deserto: fortalecer os laços com Deus, entre os clãs e os seus membros” (MURAD, 2022, p. 224). Também internamente o deserto pode provocar mudanças, um caminho performativo de atenção. “O poeta Edmond Jabès afirma que o dom do deserto é ensinar-nos a radical abertura de coração e a profundidade da escuta” (MENDONÇA, 2017, p. 110).

### **O que a Simbologia do Deserto nos ensina?**

Como o deserto possui uma forte conexão com a terra, ou com a mãe Terra, provedora da vida, o deserto pode igualmente ser como uma terra sem fecundidade, ou mesmo ainda como terra sem vida, ou a terra do local da morte, que impossibilita a vivência humana, porque é o local onde tudo falta. Ainda no Profeta Isaías fala-se de uma qualidade, de um estado de espírito, “na aridez da tua alma” (Is 58,11) pode haver uma reversão da situação.

Para Alvesz, a simbologia do Deserto nos remete a lugares, atmosferas e espaço, ora difíceis, ora também promissores, reveladores de uma expectativa nova, ora de despojamento, e ora de disponibilidade, ora de solidão, exposto a todo tipo de incômodos e sujeitar-se a receber da Providência, sempre à expectativa de surgirem novos horizontes (ALVES, 2006, p. 117-123). Quando o deserto é visto como o lugar da morte, o profeta Jeremias lembra-nos a própria reflexão que as Escrituras de Israel fazem da ação de Deus: “Onde está o SENHOR, que nos libertou do Egito, que nos conduziu através do deserto, terra de desolação e abismos, terra de aridez e de escuridão, terra por onde ninguém passa e onde ninguém habita” (Jr 2,6). “Mas ocorre igualmente a certeza de que onde Deus intervém a vida brota com infinita pujança” (Cf. Gn 2,7-24) (ALVES, 2006, p. 118).

O deserto é povoado igualmente por vários agentes, que colocam concretamente em risco a vida do ser humano “Um vento virá do oriente, um sopro de Deus virá subindo do deserto, para secar as fontes e esgotar as nascentes. Vem para levar o tesouro e todos os objetos de valor “ (Oséias 2,13), lugar de serpentes e outros animais perigosos: “Que te conduziu através do deserto grande e terrível, cheio de serpentes venenosas e escorpiões, uma terra árida e sem água. Foi ele que fez brotar água da pedra duríssima” (Deuteronômio 8,15).

No deserto, podem igualmente habitar as forças da morte: “O odor do peixe manteve à distância o demônio, que fugiu para o deserto do Egito” (Tobias 8,3); “Quando o espírito impuro sai de alguém fica vagando por lugares desertos, à procura de repouso, e não encontra” (Mt 12,43); “O demônio o levava para lugares desertos” (Lc 8,27-29). No deserto, o próprio Jesus encontra-se com o tentador (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11; Lc 4, 1-13), e o vence nesse local também, com o uso das próprias palavras da Escritura (Dt 8,3; Dt 6,13; Dt 6,16).

A simbologia da tentação e da prova também ocorreu para o povo de Israel, que experimentou: “a tentação de caráter físico – a sede (Ex 15,22-27; Nm 20,2-13) e a fome (Ex 16,1-21; Nm 11); de caráter religioso ou a tentação de adorar outros deuses – o bezerro de ouro (Ex 32) e a tentação de caráter político, de revolta contra a autoridade de Moisés (Nm 14,16)” (ALVES, 2006, p. 119).

### **Mas o deserto pode ser também um lugar de purificação e de encontro com Deus**

A prova foi dura no deserto Nm 14,29.30: “Neste deserto ficarão estendidos vossos cadáveres. Todos vós que fostes recenseados, de vinte anos para cima, e que murmurastes contra mim, nenhum de vós entrará na terra na qual, com mão levantada, jurei fazer-vos habitar – exceto Caleb, filho de Jefoné e Josué filho de Nun”. Desagradaram a Deus e, por isso, “caíram mortos no deserto” (1Cor 10,5; Hb 3,7). O deserto acabou purificando o coração, preparando uma nova geração e uma nova mentalidade para entrar e viver o projeto libertador exodal de Deus para seus filhos e filhas. Longos anos de contato com o Deus da vida. Contraditórias realidades, lugar do nada e lugar da possibilidade de um encontro com o Deus da vida. Justamente porque aí, no deserto, existe o lugar do encontro do acontecimento Fundador do Povo da Bíblia: o recebimento das Palavras divinas no deserto do Monte Sinai e o desejo de praticar esses mandamentos como condição para a manutenção da liberdade (Ex 24,3).

Se Deus sempre conduz ao deserto o seu povo para lhe falar ao coração (cf. Os 2,6) o lugar do deserto pode também significar novas possibilidades de aprendizado de como ser fiel a Deus. Mais mero local de transição e passagem do Egito para a Terra Prometida, ser entendido como um símbolo de um “seio vazio, obscuro e misterioso,

marcado de peripécias e de sobressaltos onde o Deus da Aliança, numa longa gestação de 40 anos, fez nascer e crescer um povo; (...) o deserto é igualmente o ponto de partida das infinitas possibilidades de Deus” (ALVES, 2006, P. 120).

Jesus e João Batista igualmente iniciam sua atividade a partir do deserto e durante seu ministério. Os discípulos acompanham Jesus, quando vai lá para se encontrar com o Pai: “De madrugada, quando ainda estava bem escuro, Jesus se levantou e saiu rumo a um lugar deserto. Lá, ele orava”. E lá também nós podemos, mesmo diante das contradições dos seus calores escaldantes durante o dia e frios intensos à noite, encontrar aí um símbolo da vida humana, mas não só humana.

### **No deserto a Torah, a instrução, o caminho de vida (Pr 6,23) nos foi dada. Por quê?**

A saída do Egito foi somente a primeira etapa da emancipação. A libertação física chamava para outra libertação, aquela do Espírito. As Dez Palavras constituem o fundamento sobre o qual toda a legislação de Israel se elabora (HADDAD, 2013, p. 23). Mas essas Tábuas da Lei são o fundamento de uma sociedade onde o direito da vida de cada ser humano foi proclamado pelo Deus Libertador e ao mesmo tempo a garantia da liberdade das pessoas. Essa revelação foi a origem da Festa de Pentecostes (50 dias após a Páscoa – Shavuot) no antigo Israel. Essa caminhada de quarenta anos sob a proteção constante divina foi a origem da Festa das Tendas, das Cabanas (Sukot). Nahum M. Sarna relembra que essas festas “se tornaram comemorações dos benefícios realizados para com Israel da parte de Deus no Egito e no deserto, agora emancipados da dependência dos fenômenos da natureza” (LIEBER, 2001, p. 316).

O percurso no deserto ocorreu para dar confiança aos filhos de Israel na proteção de seu Deus “diante de probabilidades esmagadoras diante de seus inimigos (Dt 7,18), para motivar os israelitas a serem fieis às leis de Deus (Dt 8,2.18; 9,7.27; 11,2; 24,9.18.22; 25,17; 32,7) e preparar os israelitas para a participação na Páscoa (Dt 16,3) e Shavuot (das Semanas - Dt 16,12) (HARRIS -MARLOW, 2022, p. 115).<sup>4</sup> Mas era preciso sofrer, celebrar e viver um longo processo de amadurecimento. Crescer para longe da compreensão estreita da Torah unicamente como Lei, a Luz que é a Torah, é caminho de vida, instrução, disciplina para a felicidade (cf. Livro dos Provérbios 6,23), e seus preceitos são como lâmpada para os passos de quem procura vivê-la.

No quadragésimo aniversário, ano de 2023, o Instituto Bat Kol em Israel, sob a animação por décadas da Irmã Maureen Fritz, religiosa de Sion e dos Irmãos de Sion atualmente, aprendemos como o Professor Zeev Harvey da Universidade Hebraica de Jerusalém ensinava sobre o motivo de Deus ter falado a Israel num local público – assim denominava o deserto. E dizer isso abertamente, com “parresia” e a franqueza. Deus deu as Palavras de vida num espaço aberto, amplo e não em Terra de Israel. O Deserto é público, não pertence a ninguém, simboliza a Universalidade (a todos), qualquer um pode vir e aceitar a Torah. Um lugar onde ninguém pode ter o controle. E a resposta do povo de Israel no deserto foi a de que a cumpriram, a realizariam nas suas vidas e as escutariam para sempre (cf. Ex 24,7). A Torah se assemelha também a três realidade: ao próprio Deserto, ao Fogo e à Água.

Ao fogo, porque está dito que no livro do Êxodo Deus desceu em fogo (Ex 19,8). Como a água porque está dito no livro dos Juízes que “as nuvens se desfizeram em água” e que no livro de Isaías está dito “a todos que estais com sede,

<sup>4</sup> Cf. PERSON Jr. Raymond F. *Deuteronomy* – Chapter 8 in: HARRIS -MARLOW, 2022, p. 115

vinde buscar água! Quem não tem dinheiro, venha também! Sem pagar! (Cf. Isaías 55,1). Mas é preciso humildade para se receber a Torah. Ela não foi dada num trono, num palácio poderoso. E o deserto é lugar de humildade. Ainda falava o Professor Zeev Harvey dava três características do deserto: grátis, humildade e sem limites e fronteiras. O SENHOR falou no deserto do Sinai, na Tenda do Encontro (Números 1,1). O deserto é um lugar aberto (הפקר) onde é preciso abandonar-se, condição para receber a Sabedoria ou a Torah, a Palavra de Deus.

Talvez na simplicidade do deserto, na aparente inutilidade e inospitalidade da realidade que nos abraça, é exatamente nesse local despercebido, nessa sarça de espinhos, deserto adentro, então é aí “que Deus se manifesta a Moisés com toda sua magnificência, grandeza. E justamente naquilo que em nós era deserto e vazio, aquilo que fracassou, o que foi ferido e machucado, Deus o transforma no lugar de sua presença.” (GRÜN, 2007, p. 19). Talvez o deserto possa também vir em auxílio do processo de humanização e da compreensão de como Deus age.

SACKS evidencia que, no deserto, foi descoberta a Lei como Amor, através de um longo, vital e duro processo. A Palavra de Deus foi revelada e doada no deserto, porque essa Torah representa a *fé de Deus nos Patriarcas, nos antepassados desse povo, “de como Ele confiou neles com a criação de uma sociedade, que se tornaria um Lar para Sua Presença e um exemplo para o mundo. Foi no deserto que os Israelitas fizeram seu mais íntimo contato com Deus”* (SACKS, 2016, p. 216).

### **No deserto, Deus faz morada que revela proximidade e memória que protege do esquecimento**

Por que foi construída a Tenda do Encontro no meio da travessia do deserto? A própria Escritura procura esclarecer o objetivo quando diz: “E eles me construirão um santuário, para que eu resida entre eles”, disse Deus a Moisés (cf. Ex 25,8). Haveria algum objetivo específico para essa construção num deserto? E que durasse tais objetivos por quarenta anos ao menos? Ao povo foi construído um santuário para que ele procurasse modelar a sua vida segundo os mandamentos presentes na Bíblia. É preciso sempre manter a presença de Deus que é proteção e fonte de bênçãos para todos. Sem dúvida, também para se proteger contra o esquecimento pelas novas gerações. Ainda mais: é preciso não ceder diante das falsas propostas e oportunismos, fanatismos. Por isso, é preciso sempre dever apresentar um código de ética que não cede e não tolera o fanatismo e nem fascismos e que seja capaz de olhar a realidade a partir da experiência comunitária e de fé de um povo. Por fim, com isso também se dilatam os horizontes do ser humano, é preciso olhar para Deus e conscientizar que o que une um povo é uma história bíblica comum de salvação e libertação e não somente as dificuldades, as decepções históricas em determinados momentos de tristeza. Um santuário no deserto também é construído “atrair conforto e esperança em tempos difíceis, para encontrar significado e sabedoria diante de dilemas éticos e belos rituais pelos quais celebramos os momentos mais difíceis, mais importantes de nossas vidas” (FIELDS, 2015, p. 94).

Nessa morada de Deus que caminha pelo deserto, o Santuário ou a Tenda do Encontro, deveria abrigar a arca da aliança que continha as tábuas santas sobre as quais foram gravadas os dez mandamentos. Era uma Tenda portátil, construída por Moisés segundo as instruções de Deus (cf. Êxodo 25 – 27) e que acompanhou os israelitas no deserto, um Deus que caminha, junto com um povo que caminha.

## No deserto Deus alimenta a vida

“Na origem histórica do maná deve estar uma planta – o tamarisco – que existia no deserto do Sinai – e que segregava uma seiva que ao endurecer, dava para comer e que os beduínos ainda comem atualmente: o *mann*” (ALVES, 2006, p. 199). O maná era o alimento que Deus forneceu milagrosamente aos filhos de Israel durante as suas peregrinações através do deserto (Exodo 16,14-35). eles comeram o maná até a primeira páscoa na terra de Canaã segundo o livro de Josué 5,12. Conforme Ex 16,35 Sele parariam de comer o maná quando tivessem chegado nas fronteiras de Canaã. esse alimento era chamado “pão”. e era descrita como uma substância fina, que Deus fazia chover do céu (caía como o orvalho da noite) para permitir ao seu povo sobreviver na longa travessia do deserto. Significava o maná sobretudo a grande experiência para o povo de Israel de que Deus os alimenta. eles no entanto deveriam ir colher a dádiva divina.

O próprio texto bíblico lembra em Êxodo 16,32-34 que era preciso guardar um pote de maná dentro da arca do testemunho “a fim de que as gerações futuras possam ver com que alimento vos sustentei no deserto, quando vos fiz sair do Egito”. Essa narrativa nos lembra da experiência de Israel no deserto, isto é, como Israel aprendeu a depender de Deus. O Catecismo da Igreja Católica também relembra: §1334: A pressa da partida libertadora do Egito; a recordação do maná do deserto há de lembrar sempre a Israel que ele vive do pão da Palavra de Deus (cf. Deuteronômio 8,3). finalmente, o pão de todos os dias é o fruto da terra prometida, penhor da fidelidade de Deus às suas promessas. “Para um povo no qual muitos sofrem com fome e sob a fadiga da procura do pão para cada dia, esta era a promessa das promessas, que de algum modo a todas em si reunia: a remoção de todas as necessidades, um dom que para todos e para sempre saciaria a fome” (BENTO XVI, 2007, p.230).

## Uma leitura verde das Escrituras que convida à amplidão, à comunhão com a Criação

O deserto como lugar onde devemos encontrar o Deus da vida, as pessoas e as outras Suas criaturas também. Um belo provérbio tuaregue garante: “No deserto encontrarás um oásis até para a tua dor” (MENDONÇA, 2017, p. 110).

É preciso, portanto, estender a compreensão do que acontece no deserto somente entre Deus, entre o povo e a libertação iniciada conjuntamente. Uma leitura verde das Escrituras, que apresente ao ser humano outras criaturas que convivem com ele, ou apesar dele, pode ajudar numa reformulação da vida, da manutenção da vida e da possibilidade da criação se tornar mais habitável, para todas as criaturas. Na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado (SUESS, 2017, p. 54). Nesse sentido o Papa Francisco com a Carta Encíclica *Laudato Sí* (LS), mostra que a lúcida interpretação das Escrituras rejeita o domínio irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. Assim afirma a *Laudato Sí*, nº 82: “Seria errado também pensar que os outros seres vivos devam ser considerados como meros objetos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano” (FRANCISCO, 2016, p. 67).

Matthias Grenzer<sup>5</sup>, Afonso Murad são alguns teólogos que desenvolvem atualmente uma chamada ‘leitura verde’ das Escrituras, que levem em consideração o que a Bíblia e a Ecologia tem a nos ensinar. Um olhar ampliado para o deserto pode nos ajudar a compreender melhor a Ecoteologia, a teologia como reflexão da fé também “em relação às diversas faces da ecologia, como: ciência, práticas sustentáveis e a nova compreensão do ser humano como membro da Terra” (MURAD, 2022, p. 169).

Uma procura nos textos bíblicos que reflita uma visão ecoteológica e/ ou ecoespiritual podem sim trazer muitas conotações metafóricas e/ou simbólicas que podem se tornar imagens para realidades mais amplas, transmitindo um saber específico a quem as lê com maior atenção. Uma leitura verde que procure “por elementos bíblicos que, eventualmente, possam favorecer uma educação espiritual e ambiental” (GRENZER; AGOSTINHO, 2021, p. 441).

Se o solo, a água, as montanhas são carícias de Deus (cf. LS n° 84) igualmente é importante lembrar que “Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação” (FRANCISCO, 2016, p. 73), retomando o Papa Francisco a exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, n° 215 (cf. LS n° 89).

Se o texto de Isaías diz: “grita uma voz: ‘no deserto abri caminho para o SENHOR! No ermo rasgai estrada para o nosso Deus!’” (Is 40,3) ou se o versículo do Evangelho de Mateus ensina: “Uma voz grita no deserto: ‘Preparai o caminho do SENHOR, endireitai suas veredas’” (Mt 3,3) estamos diante de uma teologia da continuidade das Escrituras que pede ao ser humano ouvir e abrir caminhos novos, preparar, corrigir e atravessar estradas novas. O deserto desolador provocado atualmente pela perda de biodiversidade “e por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (cf. LS n° 32) exige de nós novas leituras, novas ações e novas conversões, fruto de novos estilos de vida. Afinal, como lembrou o Papa Bento XVI na sua homilia no início

5 Uma pequena amostragem poderia ajudar a visualizar a riqueza e a necessidade dessa nova pesquisa ecológica nas Sagradas Escrituras para iluminar melhor qual é o papel humilde, fundamental do ser humano dentro da harmonia da Criação realizada por Deus.

GRENZER, Matthias; GROSS, Fernando. **Leis deuteronomicas favoráveis à preservação de fauna e flora**. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 11, p. 778-791, 2019. GRENZER, Matthias. **Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92**. *Atualidade Teológica*, v. XXIV, p. 66-86, 2020. GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. **Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade**. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020. GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. **Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental**. *Encontros Teológicos*, v. 36, p. 439-456, 2021. GRENZER, Matthias. **A coroa de espinhos**. *Anais do 33º Congresso Internacional da SOTER: Religião, laicidade e democracia*. Belo Horizonte: SOTER, 2021, p. 1179-1183. GRENZER, Matthias. **Econarratividades exodais. A praga das rãs em Ex 7,26-8,11**. Em: Guimarães, Edward; Sbardelotti, Emerson; Barros, Marcelo (orgs.). *50 anos de Teologias da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios*. São Paulo: Recriar, 2022, p. 129-142. GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. **Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade**. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022. GRENZER, Matthias. **Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35)**. In: *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 2, p. 375-391, 2022. GRENZER, Matthias. **A morte do gado (Ex 9,1-7)**. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, 2023. (no prelo) GRENZER, Matthias. **Fulgigem. Econarratividades em Ex 9,8-12**. *Cadernos de Sion*, v. 4, 2023. (no prelo) GRENZER, Matthias. **Locusts. Econarrativities in Exod. 10:1-20**. *Stellenbosch Theological Journal*, 2023. (no prelo). GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos. **BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza. Leitura verde do Salmo 65**. *Encontros Teológicos*, v. 38, 2023 (no prelo). GRENZER, Matthias. **Chico Mendes como vereador xapuriense (1977-1982)**. Dissertação de Mestrado em História defendida na PUC-SP (2013). Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12801> MURAD, Afonso. *Janelas abertas. Fé cristã e ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2022.

do Ministério Petrino em 2005: “se os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos’, a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior” (cf. LS n° 217).

Por meio da compreensão das narrativas e dos textos bíblicos que considerem também a importância dos elementos naturais da Ecologia, podem esses elementos da natureza física, nos indicarem igualmente a importância de uma natureza simbólica espiritual, mas também de auxílio na convivência comum no único espaço que temos para viver, de todas as criaturas existentes e os seres humanos.

### **A resposta da Natureza na literatura profética: lamento e desolação**

Por vezes também os profetas procuraram estabelecer uma relação entre o comportamento humano e a ação de Deus. Hilary Marlow cita os estudos feitos por Katherine Hayes sobre as passagens proféticas contidas em Isaías 24,1 – 20 e 33,7-9. Como exemplo: “A terra ficará mesmo vazia, saqueada de ponta a ponta, pois foi o SENHOR quem decretou. A terra está de luto e doente, o mundo definha, está doente, com a terra, o céu murchou. A terra foi poluída sob os pés dos moradores, pois passaram por cima das leis, violaram o mandamento, romperam a aliança eterna” (Is 24, 3-5). “A terra de luto transformada em um deserto árido é fruto dos atos dos seus habitantes. O mau cuidado e o mau uso fazem com que ocorra uma perda da capacidade de fertilidade e vida útil” (HARRIS -MARLOW, 2022, p. 130). Um belo exame de consciência atualizado de um texto tão antigo ainda pode suscitar a percepção que nem sempre os seres humanos são instrumentos especialíssimos através dos quais a revelação de Deus na criação pode ser facilmente percebida.

Leituras verdes a partir de um olhar novo, diferenciado para os textos bíblicos talvez nos ajudem a fazermos uma mudança. Passarmos daquilo que para o ser humano é bom e útil, para aquilo que me convém, para aquilo que é bom para todas as criaturas. E isso vai requerer uma conversão sim, ecológica, cardíaca, e de mentalidade. Poderia eu ser útil para a Criação, para o planeta, em vez de pensar aquilo que no planeta, na Criação é útil para mim? Poderia haver uma conversão do meu desejo imediatista e utilitarista frente ao mundo para outro modo de conceber a vida e as relações entre criaturas e seres humanos? Talvez um olhar mais atento aos textos bíblicos frente à Ecologia possa nos ensinar a fazer mais perguntas do que manter a postura de defesa e de hostilidade em relação ao mundo. Habitar, conviver ou usufruir e explorar? Seria possível em tempos de sinodalidade e de escuta como Igreja aprendermos a escutar também as criaturas.

Um texto que expressa uma mensagem literária muito específica e singular que coloca palavras na boca de uma mula, na narrativa que diz: “Então, o SENHOR abriu a boca da mula, e ela disse a Balaão: ‘Que te fiz eu, para me espancares já pela terceira vez?’ Balaão respondeu à mula: ‘Porque me estás provocando! Se tivesse uma faca na mão, agora mesmo te mataria’. E a mula respondeu a Balaão: ‘Não sou eu a tua mula que até hoje sempre montaste? Será que costume agir assim contigo?’ – ‘Não’, respondeu ele” (Nm 22,28-30). Poderia um novo diálogo e uma nova consciência existir com os animais e com o ambiente em que vivemos? Tais leituras ecológicas poderiam ajudar de fato o ser humano a conviver melhor com todas as outras criaturas.

No deserto, na peregrinação do deserto da sua vida, o ser humano não esteve e nunca estará só. E isso talvez exigirá de nós uma grande capacidade de diálogo e de esperança, de uma cultura do encontro, também com a Ecolo-

gia. Talvez esse encontro entre a Bíblia e a Ecologia seja para nós um novo mestre a fazer estrada, a fazer um caminho, a fazer perguntas, e com elas a fazer ressurgir a vida. Os textos bíblicos poderão assim a fazer-nos perguntas para que ocorra uma aproximação ao mistério da vida, ao mistério da vida presente nas outras criaturas, ao mistério de ambos, criaturas e seres humanos respirarem o mesmo ar para poderem sobreviver. Novas perguntas diante de textos tão antigos como os da Bíblia e diante da Ecologia podem nos fazer procurar novas respostas, reconfigurarmos nosso agir diante do mundo. Estaremos dispostos a acolher uma nova comunicação entre as criaturas e o ser humano? Que propostas profundas poderão os textos bíblicos ainda insistirem a nos fazer?

A Ecologia e a Bíblia podem nos oferecer mais do que regras para uma convivência rápida ou podem nos ajudar a iniciar processos mais permanentes e pacíficos, mais amplos e salutares? Daremos chance ao que pode mover realmente o nosso coração e a nos salvar a todos, ou nos destruiremos todos, num ritmo devastador e consumidor?

### **Ir em busca da vida e protegê-la**

O cachorro chamado pelo nome de “Proteo”, acabou falecendo em meio ao seu serviço humilde e eficiente. Ele era um dos dez cães farejadores de vida humana, que foram levados do México para auxiliar no resgates das vítimas ainda com vida soterradas em meio aos escombros do terremoto, que atingiu a Síria e a Turquia em fevereiro de 2023. Após encontrar e indicar o local de várias pessoas nos locais abalados pelos terremotos, o cachorro Proteo, um dos animais de três a oito anos enviados para a Turquia sucumbiu, provavelmente num deslizamento de terra. Os nomes dos outros nove cachorros eram Tardio, Kiara, Teologia, Timba, Barato, Território, Balanceo, Bureta e Biosfera.<sup>6</sup>

Proteo sucumbiu, mas outro cachorro chamado Teologia não sucumbiu. A semelhança incomum com o nome do cão farejador surpreende também junto à teimosia de tantas outras equipes de resgate presentes no Oriente Médio e parece ser uma tarefa necessária, conectadas pelos desmandos e descasos em relação ao meio-ambiente que será preciso constantemente farejar, indicar e mostrar onde existe sim a vida, ainda que soterrada e sufocada pela indiferença e pelas economias mal direcionadas e gananciosas, que estrangulam igualmente climas, pessoas, planejamentos habitacionais e animais. Onde existem as possibilidades de se conectar com a vida, mesmo que esta ainda esteja desanimada e sem alento, é preciso continuar e buscar soluções, diálogos e projetos melhores de sobrevivência digna, para todas as criaturas, inclusive e não somente para a raça humana. Sim, a Teologia “fareja”, e vai atrás da vida, fragilizada e machucada, mesmo sendo testemunha igualmente da vida ameaçada que precisa de proteção, abrigo e respeito. Teologia que ainda hoje pode e deve ser eco da “Voz do SENHOR que faz estremecer um deserto” (Sl 29,8). No deserto da vida ameaçada e espoliada também há espaço para os que escutam essa Voz e caminham e no caminho salvam vidas, as suas e as dos outros.

### **Referências**

ALVES, Herculano. **Símbolos na Bíblia**. Lisboa: Difusora Bíblica, 2006.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

---

6 Morreu Proteo, o cão mexicano que foi para a Turquia ajudar nos resgates | Sismo na Turquia e Síria | PÚBLICO (publico.pt). Acesso em: 25 de março de 2023.

- CHRISTOPHERSON, R.W. **Geossistemas: uma introdução à geografia física**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- FIELDS, Harvey J. **La Torah commentée pour notre temps**. France: Le Passeur Éditeur, 2015.
- FRANCISCO, PAPA. **Carta Encíclica Laudato Sí. Sobre o cuidado da Casa Comum**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- GUREVITCH, J.; SCHEINER, S.M.; FOX, G.A. **Ecologia vegetal**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRENZER, Matthias. **O Projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. **Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental**. Encontros Teológicos, v.36, n° 2, Florianópolis, Maio-Ago 2021. lepidus,+Árvores+nos+salmos.pdf. Acesso em: 28 de março de 2023.
- GRÜN, Anselm. **Imagens de Transformação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HADDAD, Philippe. **Pour expliquer le Judaïsme à mes amis**. France: Editions in Press, 2013.
- LIEBER, David L. **Etz Hayim. Torah and Commentary**. New York: Jewish Publication Society, 2001.
- MARLOW, Hilary; HARRIS, Mark. **The Bible and Ecology**. United States of America: Oxford University Press, 2022.
- MENDONÇA, José Tolentino. **O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas**. Lisboa: Quetzal Editores, 2017.
- MURAD, Afonso. **Janelas abertas. Fé cristã e ecologia integral**. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 169.
- ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1985.
- UN. **United Nation Decade for Desert and Fight against Desertification**. 2021. Disponível em: [https://www.un.org/en/events/desertification\\_decade/whynow.shtml](https://www.un.org/en/events/desertification_decade/whynow.shtml). Acesso em: 14/02/2023.
- SACKS, Rabbi Jonathan. **Essays on Ethics – A weekly Reading of the Jewish Bible**. United States: Maggid Books, 2016.
- SUESS, Paulo. **Dicionário da Laudato Sí. Sobriedade Feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da Encíclica “Sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2017.
- WALTER, H. **Vegetação e zonas climáticas: tratado de ecologia global**. São Paulo: EPU, 1986.
- ZENGER, Erich (org.). **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2016.